

O Antigo Testamento: um livro velho que permaneceu jovem

Odil Hannes Steck

1 - Saudação e apresentação

Minha primeira palavra precisa ser uma palavra de agradecimento. Agradeço cordialmente ao senhor reitor Kilpp e a todos vocês pela oportunidade de visitar sua Escola Superior de Teologia e de poder lhes falar.

Alegro-me por poder conhecê-los. Alegro-me pela oportunidade de tomar contato com seu labor teológico aqui. E alegro-me por poder falar do trabalho que faço na Europa. Embora eu não domine sua língua, pessoas prestativas fizeram a tradução, e desse modo podemos trocar idéias e aprender reciprocamente.

Por que estou aqui? Minha filha Bettina mora aqui em São Leopoldo com seu marido André Lichtler. Desse modo tenho a satisfação de poder combinar uma visita particular com uma visita acadêmica.

2 - Diferentes abordagens do Antigo Testamento

Ciência do Antigo Testamento e pregação sobre o Antigo Testamento — como se pode reunir ambas as coisas na mesma pessoa do/a teólogo/a? A pesquisa volta, por sobre dois milênios, ao passado do antigo Israel, do qual procede o Antigo Testamento, e a pregação vai em direção contrária, a partir de um livro velho para a frente, bem na direção das pessoas de hoje em suas respectivas situações de vida particulares — aqui, entre vocês, na Europa, em outros continentes.

Como ligar ambas as coisas? Não são estas duas abordagens bem diferentes do Antigo Testamento: a abordagem da ciência e a abordagem da pregação?

Na pregação — todos o sabemos do culto — o Antigo Testamento está bem próximo. Por quê? O pregador ou a pregadora perguntaram-se, antes de subirem ao púlpito, onde o Antigo Testamento vive também em nosso tempo. Onde ele liberta, esclarece, critica e oferece boas perspectivas entre nós hoje. Nós teólogos e teólogas construímos uma ponte que vai do Antigo Testamento até nós, e assim pregamos. Como teólogos e teólogas temos a responsabilidade de construir uma ponte sólida.

Na ciência, porém, as coisas são diferentes. Nela, o Antigo Testamento está bem distante. Por quê? Constatamos que o Antigo Testamento é um livro antigo, muito antigo. Muito distante de nós hoje. A ciência histórica da Bíblia aprofunda cada vez mais essa estranheza e mostra: primeiro temos que construir a ponte. Precisa ser uma ponte grande, porque entre nós e ele se encontra muita coisa e porque os tempos entre nós e a Bíblia mudaram muito. Mas a ponte precisa ser grande já por causa do longo tempo de formação da própria Bíblia — no decurso da própria formação da Bíblia os tempos mudaram muito. Mais ainda: a ciência vê que o próprio Deus andou um longo caminho já na formação da Bíblia, a fim de mostrar-se a seres humanos — um caminho a partir de pequenos grupos em direção ao povo de Israel, um caminho da vida boa na Terra da Promissão para a vida difícil na diáspora e sob o domínio estrangeiro, um caminho do Deus que fala e age no Antigo Testamento até ao Deus encarnado em Cristo, no Novo Testamento. Portanto, o Antigo Testamento está associado a longos caminhos. Isto visto a partir de nós hoje. Visto também a partir do Novo Testamento, desde Paulo até Abraão. E no próprio Antigo Testamento, visto assim por pessoas do tempo depois de Alexandre Magno, voltando na História, passando pelos impérios persa, babilônico, assírio, chegando até Salomão, Davi, Abraão. Ao Antigo Testamento estão associados, em todos os sentidos, caminhos longos.

Algumas pessoas levam em consideração essas longas distâncias. Para outras elas sequer existem; lêem o Antigo Testamento como se ele falasse diretamente a mim hoje. Com efeito, existem muitas maneiras de abordar o Antigo Testamento. Abordagens na vida da comunidade eclesial e abordagens dos cientistas. Abordagens na Europa e abordagens em mundos com experiência muito diferente. Abordagens que trazem a Bíblia para dentro de nossa vida e abordagens que levam em consideração a vida própria da Bíblia como livro antigo. Essas diferentes abordagens não precisam ser necessariamente antagônicas. Elas não se excluem mutuamente. Em minha opinião estão inter-relacionadas e podem aprender uma da outra, quando praticadas com responsabilidade. A interpretação científica da Bíblia não é melhor do que a interpretação prática na prédica, no ensino, na poimênica, e a interpretação bíblica européia não é de maior valor do que a interpretação bíblica de outros continentes. Todos nós podemos aprender uns dos outros e descobrir a riqueza da Bíblia até ao colorido e diversificado mundo de hoje. Outros tempos, outras biografias, outros países, outras condições de vida levam a descobertas diferentes. Que isso não precisa ser excludente é algo que já acentuei em meu livro sobre metodologia exegética científica; pode, antes, ser um indício da riqueza latente da Bíblia.

Minha palestra desta noite trata naturalmente daquela abordagem própria de minha profissão: a abordagem científica do Antigo Testamento no marco do mundo de vida e da experiência européia, da qual procedo. Minha palestra, porém, não pretende restringir-se à pesquisa histórica da Bíblia. Ela pretende construir uma ponte da ciência até nossos dias, na esperança de que vocês ajudem, em

silêncio, a construí-la em direção às condições de vida daqui, que sequer conheço. A palestra pretende falar de descobertas da distância e da proximidade do Antigo Testamento em relação a hoje. *Como se podem fazer descobertas nesse procedimento e ter um encontro com a Bíblia e não apenas consigo mesmo é o tema principal desta palestra de um cientista. O que se pode descobrir nesse procedimento não é resultado apenas da ciência, mas, sim, como já dissemos acima, conquista da visão de muitos olhos, conquista da confrontação da vida variada dos pósteros, dos hodiernos com as histórias, afirmações, escritos desse livro. Aí todos nós damos nossa contribuição, e disso não é preciso falar tanto em minha palestra.*

Vocês já estão percebendo que para mim a ciência histórica da Bíblia não é um trabalho que se satisfaça consigo mesmo. Ele está aberto para as descobertas do Deus bíblico hoje. Não é um trabalho que destrói e que demonstra preferencialmente o quanto a Bíblia é antiquada e o quanto está errada. Não é um trabalho que prescindir de Deus e que, em seu lugar, quer descobrir somente a razão. No que diz respeito ao conteúdo, a exegese científica da Bíblia é para mim descoberta de que *Deus* está vivo na própria Bíblia, no antigo tempo bíblico, assim como quis ser descoberto pelas testemunhas bíblicas. A exegese histórica aprende a enxergar como Deus foi percebido em tempos antigos, e não somente na cabeça e no pensamento, e, sim, na *vida* do tempo bíblico. Deus na vida, Deus como esclarecimento do mundo de vida experimentado, é a isso que a exegese visa. Ao fazer isso a exegese enxerga que a Bíblia precisou do tempo de muitos séculos com consideráveis transformações, a fim de formular todas as descobertas de Deus na vida. Portanto, a exegese toma em consideração o longo tempo no qual os textos bíblicos surgiram e se desenvolveram cada vez mais. A formação da Bíblia mostra com isso que Deus é um Deus que está e permanece vivo na continuação do tempo bíblico. O Antigo Testamento não surgiu num dia, e, sim, em muitos séculos, porque, por assim dizer, registra em ata a vivacidade de Deus nesse período. Por isso os livros bíblicos crescem, por isso o Antigo Testamento cresce paulatinamente até assumir o volume no qual o temos. O esforço no sentido de descobrir a Deus a partir dos escritos bíblicos em tempos bíblicos, tal como eles mesmos o transmitem, isso é exegese histórica, se quiserem, também exegese histórico-crítica, se isso não significa exegese por amor à crítica, e, sim, exegese formadora de opinião e fundamentada. É a partir dessa visão, portanto, que estamos falando nesta noite da distância e da proximidade do Antigo Testamento hoje.

Essa visão histórica da Bíblia não é uma abordagem entre muitas abordagens equivalentes. A visão histórica sobre o antigo livro Bíblia é a *fundamental*. Por quê? Ela toma a sério a origem de nosso conhecimento de Deus. Não de hoje, e, sim, de muito antes. A visão histórica da Bíblia é a que toma a sério o tempo das testemunhas da revelação. Ela toma a sério as experiências das pessoas dos tempos bíblicos, que dão testemunho na Bíblia. Ela toma a sério o fato de a Bíblia ter sido formulada em tempos antigos. Com isso não estão desvalorizadas as outras abordagens da Bíblia. Mas elas são, em relação a isso, interpretações bíblicas aplicadas,

práticas e atuais. A base dessas aplicações é o sentido bíblico original do tempo em que foi formulado no contexto e sob a influência desse tempo e transmitido pré-canonicamente. Mais uma vez — as outras abordagens não valem menos, mas estão relacionadas retrospectivamente ao próprio enunciado original da Bíblia pelo qual se empenha a pesquisa histórica da Bíblia.

3 - Interpretação fundamental e atual-aplicativa da Bíblia

Como se relacionam mais exatamente a interpretação científica e a atual-prática da Bíblia? Penso que existem uma premissa básica, um ponto de partida e depois três passos importantes.

a) A premissa básica

A *premissa básica*: para todas as abordagens da Bíblia que a tomam a sério vale o seguinte: existe o Deus diferenciado do mundo e dos seres humanos do qual fala a Bíblia. Ele não pode ser reduzido a enunciados sobre o ser humano, sobre a sociedade, sobre classes ou sobre a psique. Essa premissa básica une judeus e cristãos. Essa premissa básica preserva o que a própria Bíblia diz a respeito de Deus.

b) O ponto de partida

E existe um *ponto de partida* que imprime seu caráter à interpretação bíblica: é a confissão, a convicção doutrinária fundamental, enfim, o contexto de fé dentro do qual a Bíblia é interpretada. Aqui se separam judeus e cristãos e, em determinado grau, também diferentes confissões cristãs e opções teológicas. Dessa diferença resultam diferentes caminhos da interpretação bíblica; no entanto, eles não precisam necessariamente separar de todo; apesar de todas as diferenças, podem levar a um aprender e descobrir comum da força vital da Bíblia. Para nós cristãos evangélicos o caminho indicado é o da Reforma. Sua característica especial: a igreja, a fé, a teologia retornam constantemente até a Bíblia e certificam-se, na progressão do tempo, não a partir de sistemas teológicos e enunciados doutrinários imutáveis, e, sim, sempre novamente a partir da Bíblia e só da Bíblia — *sola scriptura* como *norma normans*, como o definiram os antigos doutores de nossa Igreja.

c) Três passos na interpretação bíblica

E existem três passos importantes na interpretação bíblica.

O *primeiro passo* da interpretação bíblica vê a Bíblia bem próxima de nós hoje, não importando quão diferentes se apresentem nossas biografias, nossos mundos de vida. O passo é este: dirijo-me à Bíblia e faço a experiência de que ela

me *surpreende*. Ela me torna pensativo, me dá olhos para ver meu mundo de vida de modo diferente, para descobrir coisas que me ficaram despercebidas. Ela esclarece experiências feitas por mim a sua própria maneira. Contradiz a mim e minhas condições de vida a partir da visão de Deus e me sugere: no fundo, é a Bíblia que tem razão. A Bíblia me dá tarefas que antes eu não conhecia. Leio na Bíblia a mim, meu mundo, meu tempo; vejo meu mundo, meu tempo, minha vida com novos olhos, e com isso eu próprio me torno mais sábio, mais corajoso, mais sossegado, mais esperançoso. Não somente as crianças, que até hoje ouvem histórias da Bíblia com espanto e alegria, mas também nós adultos, conhecedores da vida, podemos aprender da Bíblia até hoje — por favor! não apenas ética, todas aquelas coisas que se devem fazer, como tornar-se e permanecer uma pessoa mais ou menos decente, e, sim, muito mais —, aprender da Bíblia a visão, a visão ampla, que a tudo abrange, para nossa vida, as pessoas, os animais e as plantas a nossa volta, para nosso mundo e o que nele acontece e qual poderia ser o sentido de tudo isso. Que nesse vasto campo ainda existem outras coisas além de mim, com o meu poder, dever, fracassar. Que em nosso mundo de vida age outra mão, de modo amoroso, providencial, violento, destruidor, incompreensível-enigmático — Deus; essa visão, observar isso é o que a Bíblia ensina. Com isso ela nos surpreende, também a nós hoje. Já as primeiras duas páginas da Bíblia têm efeito tão surpreendente: seu olhar com Deus para o mundo da vida presenteada a seres humanos, animais, para espaços de vida com plantas, para espaços de vida que, conforme o propósito de Deus, também devem permanecê-lo no futuro: mundo da criação — dádiva de Deus para a vida, com a colaboração do ser humano; o ser humano em busca de lucro, dono absoluto do mundo, o ser humano que tudo faz não é o modelo dessas primeiras páginas da Bíblia.

O *segundo passo* é, antes, uma antítese. Quero entender a Bíblia melhor. Quero saber por que ela está formulada nesses termos. Por que ela é tão variada, inclusive num mesmo livro — Gênesis, ou Isaias, ou Salmos, quando se olha mais de perto. A tentativa de entender a Bíblia nos detalhes de sua formulação — isso leva inicialmente a decepções. Descubro o quanto a Bíblia é *estranha e antiga*, o quanto estão distantes entre si nosso tempo e a Bíblia. Outras línguas, outras pessoas, outras experiências, circunstâncias de vida totalmente diferentes, outro saber. Formulam-se afirmações repletas de alusões a eventos, conhecimentos, expressões, modos de pensar que, naquele tempo, eram naturais e corriqueiros, mas que hoje são desconhecidos. Um exame mais detalhado mostra: a Bíblia não é nada simples. Na Bíblia muitas coisas se nos apresentam ainda de modo bem diferente do que hoje.

Novamente já as primeiras páginas da Bíblia mostram a diferença em relação a nossos dias. Formulações estranhamente incompreensíveis. A imagem de mundo é a da Antiguidade. Ainda não existe tecnologia. Sobre biologia se sabe muito menos do que hoje. Também as condições de vida são bem diferentes. Em tempos bíblicos, os animais ainda constituíam uma ameaça para os seres humanos, hoje é

o ser humano que ameaça o mundo animal até a extinção. Em tempos bíblicos existiam demasiadamente poucos seres humanos. Por isso: “Sede fecundos”. Hoje existem seres humanos em demasia. E quando se continua lendo na Bíblia — em tempos bíblicos, um rei era tudo, hoje temos que exercitar a democracia e nós mesmos temos que assumir responsabilidade. Em tempos bíblicos, como ainda hoje, a miséria social era grande entre as pessoas, mas as razões hoje são bem outras. Em tempos bíblicos, o ser humano era vontade e ação, hoje a psicologia descobriu ainda esferas profundas muito diferentes do ser humano. Os tempos mudam constantemente, mas, não obstante, a mesma mensagem divina deve ser passada adiante também ao mundo mudado, inclusive à alma insondável do ser humano. Ou lembremos ainda outros fatores. Ainda não existem problemas de trânsito na Bíblia, o céu ainda está simplesmente em cima e ninguém havia pisado na Lua ainda. A economia ainda não é um sistema, e, sim, simplesmente auto-sustento, e seu houve comércio, então a parte maior do tempo foi escambo. Democracia — coisa jamais ouvida; os mais velhos têm a última palavra, a sexualidade não é inibida, mas severamente restrita; poder significa rei, exército e supremacia, não controle dos cidadãos, em Isaías 3 o toucador do mundo das mulheres é bem diferente do de hoje, e os homens ainda ocupam uma posição e têm uma responsabilidade que até eles mesmos hoje não querem mais nesses moldes. Os historiadores da Bíblia como eu têm que saber tudo isso, pois o teor, a linguagem, a visão da Bíblia ainda estão cunhados por esses fatores. Os historiadores da Bíblia têm que reconstruir esse mundo antigo. Têm que imaginar, descobrir como viveram as pessoas naqueles tempos. O que lhes aconteceu no dia-a-dia e às vezes também em grandes eventos históricos. Os biblistas têm que descobrir o que as pessoas daqueles tempos tinham na cabeça em termos de saber, de ideologias. E as angústias e esperanças que levavam no coração. Quais eram seus desejos e suas decepções. Eles têm que reconstruir isso da melhor maneira possível com base em fontes antigas, em línguas estranhas, há muito mortas, em restos arqueológicos, porque os antigos textos bíblicos pressupõem isso como natural. Porque somente assim vem à tona a vida dos tempos bíblicos, a concepção do mundo de vida no qual Deus se revela naqueles tempos, como o mostram as formulações. Quando ignoramos todas essas coisas, é impossível entender formulações bíblicas. Mas um historiador da Bíblia também tem que tomar em consideração o que hoje é diferente — desde Sigmund Freud, um conhecimento da psique humana totalmente novo em relação ao passado, conhecimentos sobre sociologia, doenças, pré-condicionamento social do ser humano, onde a Bíblia via imediatamente o pecado, imensos problemas econômicos e ambientais e um número excessivo de habitantes na Terra, que a Bíblia sequer podia imaginar em sonho. É a isso que leva o segundo passo: a Bíblia não é simples — quando se olha para ela própria e quando olhamos para nós hoje!

A Bíblia se nos apresenta como uma terra estranha, muito distante, como um terreno de difícil acesso, atravancado, que se alcança somente com esforço, com

penoso trabalho científico. Muitas coisas dos tempos bíblicos simplesmente não sabemos mais, e também é preciso dizer alto e bom som e com toda a clareza que a Bíblia ainda desconhece muitas coisas de nosso tempo; como texto de seu tempo antigo ela simplesmente não tem idéia dessas coisas. Está na hora de tomar conhecimento disso também na Igreja, para não entendermos erroneamente a Bíblia como livro de receitas atemporal, assediando-a constantemente com perguntas e constelações de vida que ela sequer conhece nesses termos, para as quais ela ainda não tem fórmulações e que ela de modo algum pode responder diretamente. Com citações bíblicas escolhidas a esmo pode-se provar tudo e nada. O que a Bíblia pode oferecer ainda hoje, tem que primeiro ser projetado mediante o pensamento para nosso tempo posterior, diferente, tem que ser transposto em direção a nós, para um tempo muito posterior, muito diferente — o terceiro passo, do qual ainda haveremos de falar! O que a Bíblia nos pode dar, tal como ela é, não são respostas diretas, mas, antes, diretrizes, estímulos, percepções para respostas e conhecimentos que, por nosso turno, temos que elaborar e viver nos moldes e sob os desafios de nosso tempo próprio e especial. Vistas mais de perto, muitas coisas na Bíblia não nos são estranhas e distantes pelo fato de sermos tão grandes pecadores e porque não queremos ouvir, mas já pelo simples fato de vivermos num tempo totalmente diferente.

Talvez essa velha Bíblia seja chamativa justamente por ser-nos estranha, dando-nos vontade de viajar até ela, em busca de descobertas. O que atrai seduz, incita a curiosidade, desperta o desejo de conhecer, compreender, talvez vontade inclusive de arriscar a vida em nosso tempo diferente com o Deus testemunhado na Bíblia.

O passo dois significa portanto: eu me exponho a essa estranheza da Bíblia. Daí não posso negar: a Bíblia é um livro antigo. Isso tem conseqüências. Se quero ouvir a Bíblia, tenho que fazer mais do que fiz no primeiro passo. Tenho que aprender a discernir entre o que *eu* introjeto hoje na Bíblia e o que *a própria Bíblia* tem a dizer. Portanto, tenho que dar ouvidos à velha Bíblia, tenho que permitir que diga sua velha palavra, tenho que deixá-la terminar de falar. O que quis dizer quando foi formulada, isso é o que tem a preferência; ouvir, primeiro apenas ouvir, isso tem que estar em primeiro plano. Esclarecer isso é a abordagem *fundamental* da Bíblia. Um autor tem o direito de ser ouvido. Deus tem o direito de ser ouvido em suas antigas testemunhas bíblicas. Não devo impor-lhe minha opinião, do contrário não tenho a ele, e, sim, somente a mim nele.

Hoje também existem biblistas que dão mais importância ao leitor, inclusive ao leitor de hoje, do que ao autor. Aí é preciso advertir e manifestar restrições críticas sobretudo em relação à pesquisa bíblica anglo-americana. Pois a Bíblia quer ser discurso de Deus por meio de testemunhas. A isto corresponde o seguinte: é preciso ouvir o autor e não inventar um leitor fictício. É preciso ouvir primariamente o autor, Deus, e o leitor, todos nós, tem que aprender o que ele diz. É evidente que também se pode ler a Bíblia de outro modo, como qualquer outro

livro. Mas nos termos da própria Bíblia tem-se que lê-la do seguinte modo: querendo aprender de um autor, do autor de todos os autores: Deus! E se faz necessário enfatizar criticamente mais uma coisa: a Bíblia também não esconde que ela procede de tempos antigos; ela não é um livro de hoje, sobre o qual todo leitor moderno pode pensar o que quer. As modernas associações do leitor atual da Bíblia justamente não são o sentido originalmente formulado, mas só um sentido derivado, atualizado, que tem que ser examinado quanto a sua correspondência com o sentido original. Portanto: nesse segundo passo também tenho que perguntar autocriticamente: o que do primeiro passo procede somente de mim mesmo, de hoje, de meu engajamento, quando escuto a Deus falar desde tempos passados, de seu velho livro, da Bíblia e o que é sua antiga palavra transportada até hoje e aplicada à atualidade?

Para esta pergunta preciso de ajuda. Ouvir a velha palavra da Bíblia, por mais estranha e difícil que seja, conhecer a antiga vida da velha Bíblia, deixar a Bíblia dizer sua palavra própria, velha e especial, para tanto ninguém nos pode ajudar a não ser a ciência histórica da Bíblia. Ciência bíblica, exegese histórica — isto é justamente a pergunta pelo sentido original dos textos bíblicos, quando foram formulados e surgiram. A tarefa de um historiador da Bíblia é a de um atalaia no sentido de garantir a esse estranho seu direito, sua vida própria, seu tempo antigo. A ciência histórica da Bíblia cria, desse modo, a condição para que esse estranho, esse outro nos enriqueça justamente pelo fato de possuir algo que nós não possuímos, e atraia também a nós hodiernos para perto de si. A pesquisa bíblica é, como vimos, no caso de um livro antigo como a Bíblia, não a primeira nem a última, mas a abordagem básica. Não mais, mas também não menos do que isso.

Isso mostra o *terceiro passo* que temos que dar. Ele nos leva novamente ao ponto de partida. À outra cabeceira da ponte. A nós e a nosso tempo com a Bíblia. Mas mudado. O Deus vivo hoje, testemunhado num livro antigo, se nos revela se *aplicamos* de modo atual o sentido fundamental de textos bíblicos com fantasia, com amor, com visão para coisas novas, com sensibilidade para elementos especiais em nosso tempo, em mundos de vida diferentes. Quando elaboramos onde e como a velha Bíblia tem validade hoje, nas diferentes condições de vida dos seres humanos e dos animais desta Terra. Quando esclarecemos e vivemos e agimos de acordo com onde e como o Deus bíblico, na velha roupagem de textos bíblicos, continua vivo e realiza sua obra hoje. Essa aplicação à atualidade ainda não se encontra na Bíblia desse modo. Os tempos são outros. Mas essa aplicação hoje tem que satisfazer uma condição básica, se ainda é para ser a Bíblia que está sendo aplicada e explicada: essa aplicação a situações posteriores tem que encontrar-se na mesma linha da Bíblia e tem que corresponder àquilo que a Bíblia testemunha para tempos passados. Pois é o mesmo Deus, vivo ainda hoje, e é fundamentalmente a mesma mensagem que pregamos, o mesmo Deus bíblico hoje no qual cremos, com o qual vivemos e agimos em benefício de nosso mundo.

Com isso propagamos uma distinção essencial. De um lado encontra-se a

pergunta: que diz o próprio texto também com vistas a tempos futuros e outras condições de vida? Com essa pergunta fica preservada a singularidade do texto em todo o processo hermenêutico e, em vista da multiplicidade de textos bíblicos, também a multiplicidade da Bíblia. Do outro lado, porém, encontra-se a pergunta sobre o que se pode dizer mais tarde em termos de posições e opções essenciais com base no testemunho global da Bíblia e que tem que ser dito hoje. Isso se pode associar perfeitamente, após prévia certificação teológica geral, a determinados textos bíblicos, a saber àqueles que se encontram na mesma linha dessas afirmações, mas não simplesmente com todos os textos; perder-se-ia sua singularidade, se todo texto somente pode enunciar a opção principal do leitor, como, nos anos em torno de 68, o interesse sócio-crítico, transformador da sociedade, ou, como está em moda na Europa de hoje, o interesse psíquico.

Nessa condição essencial de que também a aplicação de textos deve permanecer na mesma linha dos próprios textos e em correspondência a eles, a ciência bíblica se une com as outras disciplinas teológicas num grande processo de certificação para uma vida e um discurso cristãos hoje com base na mensagem bíblica! As perguntas por uma teologia da criação, da natureza, dos fundamentos da vida para os seres humanos e os animais também em gerações futuras apontam caminhos de como nosso exemplo, as primeiras páginas da Bíblia, pode e deve ser aplicado hoje, em meio a novos desafios, e, não obstante, encontra-se em correspondência com a antiga formulação: preservação de espaços de vida, preservação de direitos à vida para animais e seres humanos, garantia de uma base de vida elementar dos seres humanos em termos de alimentação e trabalho, questões do crescimento populacional — tudo isso está em correspondência com o primeiro relato da criação da Bíblia: pois ele fala da ainda inalterada vontade criadora de Deus de disponibilizar as bases da vida, que o ser humano não deve destruir. O primeiro relato da criação fala disso, embora as experiências de então, que se encontram atrás de sua formulação, ainda sejam muito diferentes do que hoje!

Aplicar a tradição bíblica a respeito de Deus hoje, de modo criativo, atual e adequado à vida, introduzi-la em relações de sentido de um tempo diferente, posterior, construir hoje uma ponte sólida para o Deus vivo — atrás disso se encontra uma percepção importante que a ciência histórica da Bíblia nos ensina. Essa percepção também não se pode enfatizar com suficiente clareza na esfera da doutrina cristã. Essa percepção reza: a Bíblia não é um livro de verdades formuladas uma vez por todas, atemporais, em sentenças teológicas doutrinárias. Não! A Bíblia é um livro que mostra em língua antiga como, em tempos antigos, se percebeu a Deus na vida, na multiplicidade das experiências, tarefas, angústias e esperanças, melhor: como Deus se deixou perceber naqueles tempos por meio de testemunhas bíblicas no tempo de sua revelação bíblica. Penso que nós europeus, com nossa longa tradição filosófico-teológica, temos que, instruídos pela Bíblia, mudar em muito nossa maneira de pensar: Deus não vive preponderantemente na vitória sobre a filosofia e em sentenças sabiamente excogitadas de sistemas teoló-

gicos, isto é, “batizados” filosoficamente. A própria Bíblia já mostra que esses sistemas deveriam falar muito mais de sua limitação do que de seu pretensão saber. Deus vive na vida como ela se configura em cada momento histórico. Disso também faz parte o pensamento, mas de modo nenhum exclusivamente. Deus vive na vida: assim foi na tradição bíblica, assim deve ser também hoje. Não apenas o Deus certo, claramente concebido, demonstrado conclusivamente — não! o Deus que abrange toda a vida, que pode ser experimentado de modo amplo, e também enigmático, é desse Deus que se deve falar, se quisermos seguir a Bíblia.

Passo um: surpreendidos pela Bíblia. *Passo dois:* descoberta da Bíblia estranha, antiga. E *passo três:* aplicação da Bíblia à realidade da vida em nosso tempo. Esses três passos são necessários. Do contrário, entendemos a Bíblia de modo errado ou não lhe damos mais ouvidos. A história interpretativa das primeiras duas páginas da Bíblia é um exemplo grave da não-observância desses três passos. Para que esses três passos obtenham sucesso, temos que trabalhar todos juntos. Membros de comunidade e teólogos estudados. Pessoas de diferentes continentes e mundos de experiência. Pessoas de diferentes idades. Homens e mulheres. No que segue, darei algumas idéias, como cabe especialmente a um historiador da Bíblia — idéias da ciência para a descoberta da velha estranha Bíblia.

4 - Exemplos de descobertas científicas

A *primeira descoberta* da ciência: o Israel bíblico aprendeu em longo tempo a renunciar à aceitação de outros poderes sobre-humanos ao lado de seu Deus e a limitar o ser humano neste seu Deus. É o primeiro mandamento. Os leitores da Bíblia souberam disso desde sempre. Mas somente uma comparação científico-religiosa da formação do Antigo Testamento com as religiões circunvizinhas e contemporâneas do Antigo Testamento mostra isso de modo dramático, claro e concreto, e cheio de estímulo para aplicá-lo de modo intransigente em condições de vida posteriores.

A *segunda descoberta* da ciência: Deus no Antigo Testamento, o Deus criador, não é somente o Deus de um povo eleito, de uma comunidade, dos piedosos; ele é o Deus de toda vida. Um Deus do mundo da vida natural e de sua preservação — criação. Um Deus que tem consideração com os que não têm o suficiente para viver, um Deus que deseja a solidariedade de todos, conforme diz um dito sapiencial do Livro dos Provérbios: “O que oprime ao pobre insulta seu Criador; mas honra o Criador aquele que se compadece do pobre” (Pv 14.31). Um Deus que se sensibiliza com os animais — seu Criador! Deus é um Deus de todos os seres humanos, não apenas um Deus dos seguidores e da comunidade. Deus é um Deus não apenas da vida piedosa, e, sim, da vida profana, bem cotidiana, obscuro-patente, normal, mundana. Um Deus que quadra ao jornal ou à TV, ou, muito melhor, à vida como todos nós a vivemos, cada qual em seu mundo de vida

diferente. Vida com todas as suas experiências, com suas angústias, enfados, decepções e alegrias, com seus deveres e responsabilidades em casa e na vida pública. Com o Deus do Antigo Testamento se aprende a observar o mundo próprio, bem comum. O mundo em longo tempo. O mundo das condições de vida dos seres humanos — lavouras, chuva, clima, comércio, modo de vida. O mundo das nações, potências, relações de poder. O mundo do direito e da lei na convivência e sua inobservância. O mundo de ricos e pobres, de pessoas com temperamento, caráter, com seus lados fortes e suas fraquezas, amizades e inimizades. O mundo de misericórdia e alegria sexual, de doença e bem-estar. O mundo das plantas e dos animais, sua utilidade e seu sofrimento causado por seres humanos. O mundo de arrogância humana, superestimação, abuso de poder, grande e pequena malvadeza, procura de prestígio, sentimentos de inferioridade. O mundo de regras de vida sensatas e confiáveis. O mundo cheio de enigmas, enigmas da vida e mistério. O mundo do lamento, do grito, do silêncio inarticulado, do sofrimento e tortura do corpo e da alma. Esse é o mundo do Antigo Testamento. Esse é o mundo no qual Deus se mostra vivo, exatamente neste mundo. Como viver nele com Deus, é dessas experiências que escreve esse livro, o Antigo Testamento, de modo direto, de modo bem concreto em seu tempo! É o Deus do mundo bem comum!

A *terceira descoberta* da ciência: o Antigo Testamento contém muitas leis, mas não é um livro legalista no sentido dos “fariseus e escribas” neotestamentários. É um livro das ordens, com as quais a conduta da vida corresponde às boas dádivas de Deus para a vida. Quando nós evangélicos falamos da Lei, não deveríamos, apesar de nossa tradição, simplesmente identificar com isso o Antigo Testamento, e, sim, determinada compreensão do Antigo Testamento, criticada no Novo Testamento.

A *quarta descoberta* da ciência, quando ela reflete sobre livros bíblicos e o cânone bíblico: na Tora, mas também em seu todo, o Antigo Testamento converge para a esperança. Para boas perspectivas para o mundo de Deus e as criaturas de Deus. Para a separação do mal com a mensagem do juízo final, mas, em última análise, para o evangelho. A esperança no agir do próprio Deus no fim retroage sobre o tempo precedente, no qual vivemos. A esperança produz sobriedade e persistência para fazer o que é certo, o que serve à vida, o melhor possível neste prosclênio. No prosclênio do agir consumidor de Deus, no qual a Bíblia ensina a esperar. A ciência, a leitura exata ensina a observar os tempos na Bíblia. Por isso não devemos equiparar o penúltimo ao último, não devemos querer realizar nós mesmos o último. No Antigo Testamento, o último permanece a obra do próprio Deus. Ele poderá ser experimentado, mas não pode ser feito por nós. Por nós devem ser feitas, produzidas outras coisas. Pois ao lado dessa esperança encontra-se, como obra e tarefa dos seres humanos no prosclênio do último, a cooperação com Deus, o Criador, e com Cristo, o Amante, em prol da garantia de vida, de humanidade, enquanto nos for dado tempo para isso. Com a coexistência de diferentes concepções teológicas no Antigo Testamento, a ciência reconhece que

aqui se fala tanto do Deus da esperança e da consumação do tempo (fim da Tora, profetas) quanto do Deus da presença criadora e da garantia de vida (Salmos, Sabedoria). Somente as duas coisas em conjunto perfazem o Antigo Testamento canônico!

À *quinta descoberta* da ciência já nos referimos várias vezes no decurso de nossa palestra. Trata-se do dado científico de que o Antigo Testamento, em seus diversos livros e em seu todo, adquiriu o volume no qual o temos hoje somente no decorrer de longo tempo. Sempre foram formulados acréscimos. Essa constatação não tem a ver somente com perspicácia científica. Ela tem a ver com o Deus vivo. Relacionar, como nos escritos bíblicos, na progressão dos tempos bíblicos, tradições à própria época, ampliar e complementá-las e continuar escrevendo significa caminhar pelos tempos e suas mudanças com o Deus da tradição. Significa descobri-lo constantemente na vida concreta e em meio às experiências da vida. Significa encontrar a Deus na tradição e no tempo subsequente e acrescentar à própria tradição o que se encontrou! Isso é algo que a ciência bíblica reconhece para um tempo limitado, para o tempo bíblico, para o tempo até que a Bíblia é encerrada, portanto não para todos os pósteros, não mais para nós. Nós não escrevemos uma bíblia, nós a possuímos. Mas a ciência com sua percepção do longo processo de formação do Antigo Testamento é um grande estímulo ainda para nós hoje, para todo tempo pós-bíblico, para permanecer tão próximo da vida, tão relacionado com a época como o processo traditivo da Bíblia, portanto, para também hoje enfrentar, com ânimo e coragem e junto com o Deus bíblico, a vida como ela é agora, e para redescobri-lo nela.

5 - Compreensão da Bíblia entre a fé e a ciência

Ainda se poderiam mencionar muitas descobertas científicas que vêm em benefício da Igreja e da vida hoje. Mas já passo a resumir: o Antigo Testamento mostra Deus de tal modo que reconhecemos o quanto é necessário termos na Bíblia, ao lado do Novo Testamento, também o Antigo. Pois no Antigo Testamento Deus é, em todos os sentidos, um Deus da amplitude. Deus em tempo longo, não apenas perto do fim. Um Deus percebido e testemunhado no longo período de muitos séculos. Um Deus percebido de tal maneira que ele abarca toda a amplitude do tempo.

Uma rápida passada pelo Antigo Testamento expõe isso aos olhos de qualquer um.

Ele começa com a criação do mundo e do ser humano. São histórias da vida e do mundo de vida, histórias do fundamento da vida, sobre o qual nos encontramos todos nós ainda hoje. São histórias para a orientação da vida. A criação, isso são histórias que dão acesso a experiências, são histórias que levam em seu bojo o presente da vida. As histórias da criação são histórias da vida como todos nós a

temos, seres humanos e animais, portanto histórias com o olhar realista para o mundo, provido para a vida. São histórias para a orientação fundamental em nosso mundo, que desde sempre foi presenteado para a vida, não feito e, por isso, criado, provido para a vida muito antes de o ser humano fazedor estar acima dele e destruir tantas coisas.

E continua com histórias acerca de Caim, Noé, construção da torre, que tratam dos limites do ser humano. E depois muitas, muitas histórias a respeito do povo de Deus do tempo antigo, através de longos séculos, através de experiências felizes e amargas. A pesquisa histórica mostra o sentido dessas histórias. São histórias de pessoas que aprendem que ser ativo e receber, produzir e agradecer não se excluem mutuamente. Um povo de pessoas que experimenta condução e sentido por meio de alguém superior, seu Deus, que mantém em suas mãos o não-factível, o sucesso e o fracasso. Isso se pode ler e ver em Abraão, Jacó e José, em Moisés, Samuel e Davi e em muitos reis depois dele, até a terrível experiência conseqüente do exílio babilônico, da liberdade perdida — meio milênio antes da vinda de Jesus Cristo. O Antigo Testamento, um livro cheio de histórias. Experiência, vida de um ser humano, de um povo. Experiências de longos tempos clareiam-se aí. Histórias nas quais em leitores posteriores se clareiam novamente experiências, esperanças, expectativas, decepções, orientações próprias. E depois dos últimos livros narrativos como Crônicas, Esdras, Neemias, Ester no Antigo Testamento, ainda outros livros — poesias, textos poéticos. Antes de todos, para serem cantados e orados, os Salmos. Os Salmos que, ao que parece, ainda hoje entendemos mais rapidamente; mas seu hebraico especialmente difícil também tem que ser primeiro traduzido. Salmos — cânticos no limite do ser humano, como gosto de dizer; assim o ser humano canta a Deus avassalado, extasiado de felicidade, como no aplauso, e assim o ser humano canta a Deus quase mudo de dor, como no grito da tortura. Salmos e, ao lado deles, livros poéticos para aprender, como as regras de vida dos Provérbios, ou para refletir, como Eclesiastes, para deixar-se guiar para o inexplicável, como o livro do sofredor Jó. E finalmente, no fim do Antigo Testamento, em muitas centenas de páginas, os livros dos profetas, de uma ímpar riqueza lingüística, de modos de ver as coisas. Livros que expõem, a partir da visão de Deus, o longo percurso através do tempo do Antigo Israel, suas boas condições iniciais, sua culpa, seu castigo e sua perspectiva e esperança até uma consumação, na qual o alvo de todos se concretizará por fim, sem qualquer contribuição humana. Profetas — eles não são adivinhos no Antigo Testamento, e, sim, as pessoas daquela época que tinham consciência histórica, as sensíveis ao tempo, as politicamente vigilantes, que lêem o jornal sobriamente com seu Deus, pessoas com consciência histórica, com responsabilidade em relação ao tempo, pessoas especialmente dotadas por Deus, que sabem o que está por acontecer, a apreender das circunstâncias, o que será do agora.

Deus no Antigo Testamento — um Deus da amplitude. Deus tal como o mostra o Antigo Testamento. Deus atuando num longo período, no longo tempo

em que seres humanos têm que planejar, formar e reformar — como nós.

Ver a vida com esse Deus em toda a sua amplitude — é isso que fascina no Antigo Testamento, o que entusiasma. Os biblistas têm a função de manter aceso esse entusiasmo, preservando o que é estranho nesse antigo livro e esclarecendo-o simultaneamente.

A função de, antes de mais nada, ler o Antigo Testamento, percebê-lo no distante mundo estranho no qual surgiu, no qual seus diferentes escritos foram formulados em épocas diferentes. A função de ouvir o Antigo Testamento no marco de seu tempo original, no qual surgiu. Portanto, a função de *preservar* o caráter estranho da Bíblia. A função de transmitir também a estudantes esse saber, no qual se trabalha há muito pelo mundo afora, e clareá-lo, portanto, antes de mais nada, às pastoras e aos pastores de amanhã e a todos os interessados, para que seja passado adiante à comunidade e ao público em geral. Portanto, a função de *explicar* o estranho da Bíblia, deixando-o estranho.

No entanto, não se torna desse modo a compreensão da Bíblia dependente da ciência bíblica, praticamente entregue às mãos dessa ciência? Em certo sentido, sim. Todavia, nós precisamos da ajuda que tenta entender o Antigo Testamento em seu tempo de formação, precisamos dos mais de mil livros e artigos científicos publicados a cada ano, que servem a esse esforço. Precisamos das Bíblias explicativas, dos comentários para pessoas que não são do ramo, que também transmitam esse saber compreensivo de um livro antigo a todos os interessados. No entanto, não se torna então tudo incerto e exposto tanto a percepções quanto a enganos da ciência?

Minhas senhoras e meus senhores — se alguém quer crer em Deus ou não, isto não depende da ciência, tampouco da ciência bíblica, e, sim, de pessoas que vivem bíblicamente e nos seduzem a viver do mesmo modo — testemunhas de Deus. No entanto, uma compreensão bíblica *exata*, capaz de dar informações responsáveis, não é possível sem ciência, porque ela é um livro antigo. Aí é preciso ajudar com explicação científica, ou seja, controlada profissionalmente. E nesse explicar com efeito existem também muitos enganos e nada absolutamente pronto ou definitivo. Mas o essencial vem à tona em todo caso, quando se escuta com atenção. Aí a Bíblia é comparável a uma pessoa que exige de nós um esforço constante se quisermos permanecer abertos para compreendê-la. E também isto é igual: quem disseca, rubrica, decompõe, sabe tudo melhor, não é capaz de escutar, esse não entende. Somente entende as pessoas quem as ama e quem as deixa viver e as deixa ser como são. A mesma coisa acontece com a Bíblia! É preciso amar seus textos, é preciso trabalhar neles, é preciso deixá-los como são, antigos, diferentes e estranhos. Então a Bíblia penetra em nosso compreender e o enriquece.

E com ela, seu único conteúdo — Deus. Deus, que nos é estranho não só porque seus livros e suas testemunhas são tão velhos. Não, a respeito do Deus que é estranho a nós e a todo ser humano, porque ele é Deus e não humano. Deus ou

o limite do ser humano, de todos nós, como o testemunha esse Antigo Testamento. O Deus que concede sucesso na vida ou o nega. Que faz com que faltas fracassem ou as admite. Que desmascara exhibições de poder por parte de pessoas e países. O Deus que põe limites à auto-superestimação política, social e psíquica do ser humano. Que encoraja a fazer o certo, o melhor possível, da melhor maneira, sem se corromper. Deus que concede liberdade a partir da vinculação, que torna pessoas confiáveis, porque não estão constantemente procurando sua própria vantagem. Que abre os olhos para co-criaturas com o mesmo direito à vida como nós mesmos. Que dá boas perspectivas a pessoas, povos, nações, se eles se dominam a si próprios. O Deus do Antigo Testamento que se revela em toda a amplitude, beleza e peso de experiências de vida, que impede a auto-superestimação do ser humano em mim e em outros. O Deus que faz com que nos possamos deixar presentear na vida alegres e serenos. O Deus que me liberta de mim mesmo. O Deus que até mesmo concedeu ao Israel bíblico a força de confessar culpa como elemento de identidade nacional.

O Antigo Testamento, com sua milenar história de experiências de um pequeno povo, muitas vezes esfolado, não fala apenas da alma e seu Deus, não apenas da vida piedosa no curto espaço até a virada do reino de Deus, como o Novo Testamento, que surgiu em apenas 100 anos no espaço restrito de comunidades cristãs. O Antigo Testamento fala de Deus, do ser humano e do mundo em termos amplos. Do ser humano e de todo o seu mundo de vida. Do ser humano, do povo entre povos, de longa experiência política, de poder e como lidar com ele ou como nos leva ao fracasso. De ordens do dia-a-dia e de uma vida bem-sucedida ou fracassada. Do que oferece sustento na vida de uma pessoa e da perspectiva que tem. Com sobriedade rigorosa, fala das possibilidades, dos limites, dos aspectos demoníacos da vida humana. No Antigo Testamento estamos bem próximos da vida realmente vivida, com tudo que dela faz parte, como em nosso próprio caso — esse é o mistério de sua atração e de sua permanente força orientadora. Proximidade com a vida, realismo sem igual em relação à vida, e em meio a tudo isso a pergunta por sentido e um caminho confiável.

Algo desse poder de Deus clareador da vida do Antigo Testamento também ainda atinge a nós onde continuamos a conceder — não na Igreja, e, sim, na vida pública mais ampla, secular — à Bíblia a posição de elemento essencial da cultura humana, como, aliás, ela marca nossa cultura há muito.

Com isso, estimadas e estimados ouvintes, após o trabalho com o Antigo Testamento, que só se aproxima de modo compreensível por meia da ciência, retorno novamente ao *prazer*. Ao prazer de escutar esse Antigo Testamento ainda hoje, clarear também nosso tempo, nossa vida a partir desse Antigo Testamento, de nos tomarmos, a partir deste livro, mais sábios, corajosos, sóbrios, esquecidos de nós mesmos.

Deus — foi assim que o antigo Israel o descobriu, assim se deixou descobrir, e assim ele está registrado no Antigo Testamento. Assim ele vive, continua atuando

para sempre, embora nos tempos posteriores tenha que ser confirmado repetidamente em sua vida em tempos muito anteriores — no tempo de dois mil anos antes de nós, no qual o testemunham os textos bíblicos. Ainda vale a pena, como dantes, é um prazer perguntar, ouvir, pensar, descobrir onde se encontram a força, o sentido, o sentido atual das antigas, muito antigas palavras do Antigo Testamento, e orientar-se por elas.

6 - Conclusão

Não quero exigir demais de sua paciência. Concluo, não com palavras próprias, mas com palavras de meu grande mestre na especialidade, Gerhard von Rad, professor em Heidelberg, com o qual adquiri a qualificação para catedrático universitário; nos anos 50, 60 ele era, decerto, a maior autoridade em Antigo Testamento. Depois de sua morte, publiquei suas palestras, entre elas algumas que proferiu na época do nacional-socialismo a favor do Antigo Testamento, tão desprezado naquela época. Sofreu muito por causa disso. Nessa época da satanização do poder e da alucinação racial do nacional-socialismo, ainda antes de 1945, começou uma palestra dirigida ao público em geral corajosamente com as seguintes palavras:

Em face da horripilante dissolução interna e da cisão espiritual de nosso povo hoje, só agora nos damos conta com clareza do que nosso povo perdeu ao deixar de aprender da Bíblia e de permitir que ela determinasse seus pensamentos sobre Deus, mundo e ser humano. Quanto a isso ainda não tenho em mente o derradeiro consolo na vida e na morte que ela nos proporciona. Penso em algo mais mundano: quanto melhor aconselhados estavam nossos pais, nossos avôs, em termos meramente educacionais, pelo fato de terem aprendido da Bíblia, aceitando dela os critérios para as coisas deste mundo. Afinal, somente no Antigo Testamento temos cinco potências mundiais com as quais os homens do Antigo Testamento se debateram do modo mais intensivo, e cerca de 14 séculos participaram da redação de nossa Bíblia. Seu campo de visão em termos de história mundial é imenso. Ela conhece a antiquíssima cultura do império do Nilo, conhece a cosmovisão astrológica da Babilônia, conhece a colonização mundial dos fenícios. Ela acompanha com plena consciência o colapso do milenar domínio dos semitas e vê irromper com os persas uma nova era, de cunho indogermânico. Também presencia a ruína do império persa e a resplandecência do espírito grego sobre o antiquíssimo mundo oriental com o advento de Alexandre Magno. Ela fala de reis incomensuravelmente poderosos e ricos, e de pequenos, ignorantes e rudes comandantes de mercenários, ela traça inesquecíveis retratos de sacerdotes sábios ou teólogos fanáticos, de mulheres puras e de prostitutas, e, em meio a esse desconcertante mundo de coisas humanas, o Novo Testamento então nos mostra aquele um, associando-se a todos como irmão, e, não obstante, como o estranho mais enigmático, aquele acerca do qual os guardas relataram: Jamais um ser humano falou como ele!

Penso que uma pessoa, um povo não poderia estar mal aconselhado se aprendesse desse livro desde a mocidade, se formasse seu pensamento com esse livro, se buscasse nele seus critérios para as coisas grandes e pequenas, para o que é importante e menos importante. Pois de modo nenhum o ser humano é tão autônomo e seguro em seu juízo para, a partir de si mesmo, poder encontrar, sem mais nem menos, o caminho na confusão da vida e poder, sem mais nem menos, discernir o importante e o derradeiramente decisivo das questões secundárias. Por outro lado, nós mesmos ainda constatamos hoje como, sob certas circunstâncias, pessoas bem simples preservaram para si uma amplitude de visão, uma segurança no juízo — inclusive na esfera política — enfim: uma formação autêntica, e isso porque não permitiram que seu próprio pequeno mundo recaísse sobre si mesmo, mas o mantiveram constantemente aberto para o grande mundo da Bíblia. (*Gottes Wirken*, p. 213s.)

Até aqui a citação de Gerhard von Rad. Muito obrigado por sua atenção e por sua paciência.

Odil Hannes Steck
Wassbergstr. 53
8127 Forch
Suíça

(Tradução: Ison Kayser;
revisão: Luís M. Sander)